

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
LITERATURA E PSICANÁLISE:
O IMPOSSÍVEL DO REAL
E OS POSSÍVEIS NA TRADUÇÃO DO POÉTICO

Marilene Ferreira Cambeiro (UFRJ/UVA)
marilenefcambeiro@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar o desenvolvimento da pesquisa comparativa e interdisciplinar (CARVALHAL, 1991) sobre a tradução poética, traçando um percurso de reflexão sobre essa prática que passa por Walter Benjamin (2001), Roman Jakobson (1988) e Haroldo de Campos (2015), de forma pontual e sintética, assinalando neste percurso, principalmente, sua articulação ao texto poético primeiro, como isso se "dá", ou como se "recria", em uma discussão que aponta para os caminhos da tradução a partir de um sujeito-tradutor (CUNHA, 2016), em uma visada que introduz, interdisciplinarmente, o pensamento linguístico de Ferdinand de Saussure (LEMAIRE, 1988) e psicanalítico da tradução, ou não, de um real pelo discurso do sujeito, através de Sigmund Freud (1976) e que é retomado por Jacques Lacan, e, contemporaneamente, por Jacques Derrida (REGO, 2006) através da articulação da apresentação e da expressão do discurso do sujeito com a letra (BASSOLS, 2015) e seu real (LACAN, 2003): os possíveis e o impossível da tradução nas referências tangenciais à tradução do real pelo poético, realizada em princípio pelos poetas/ tradutores Edgar Allan Poe, Fernando Pessoa, James Joyce, Carlos Drummond de Andrade e Haroldo de Campos.

1. *Introdução*

Escrever é traduzir. (VALERY, *apud* CAMPOS, 2015, p. 136)

Porque o poeta se produz por ser (permitam-me traduzir aquele que o demonstra, no caso, meu amigo Jakobson) ... produz-se por ser devorado pelos versos (*vers*) que encontram entre si o seu arranjo, sem se incomodar, isso é patente, se o poeta sabe disso ou não. Daí a consistência, em Platão, do ostracismo com que ele golpeia o poeta em sua República, e da viva curiosidade que mostra, no Crátilo, por esses bichinhos que lhe parecem ser as palavras, que seguem apenas seus caprichos. (LACAN, 2003, p. 402)

De que tradução se trata? Essa pergunta implica outra, analógica: de qual criação se trata?

De que "luta", de que "fingimento", de que "traição", de que "relação" se trata? A relação sexual não existe, afirma Jacques Lacan, mas... Afinal, de que tradutor Flávia Maria da Cunha (2016) trata?

Daquele que nega, daquele que aceita, ou daquele que rejeita a "máquina do mundo" doada? (ANDRADE, 1983)

Há várias possibilidades de pensar a questão da criação poética, assim como a da tradução: nesta pesquisa que propõe uma perspectiva comparativa interdisciplinar sobre os campos da literatura e psicanálise (CARVALHAL, 1991), nos centramos no percurso de um pensamento sobre a tradução que passa por Walter Benjamin (2001), Roman Jakobson (1988), Jacques Derrida (REGO, 2006), em uma visada da tradução, em analogia com o poético, atravessada pela psicanálise de Sigmund Freud (1976) e depois por Jacques Lacan (2003), abordando a questão pelo viés da letra, introduzida pela interpretação de Miquel Bassols (2015), objetivando uma aproximação maior da tradução poética por Haroldo de Campos (2015).

Algumas observações sobre a tradução do real pelo poético podem ser assinaladas, inicialmente: Edgar Allan Poe reconstrói passo a passo, racionalmente, na sua "Filosofia da composição" (POE, 2000) o seu "Corvo", negando a "carta/letra roubada" (LACAN, 1998), João Cabral trava uma luta permanente com a doação "ofertada" em "Psicologia da composição" (MELO NETO, 1994) e Mário de Andrade (1987) a nomeia "lirismo inconsciente", bebendo sem medo do mistério da "fonte" freudiana. Drummond, por sua vez, recebe a "doação" da "máquina do mundo" de Camões e a rejeita, no final, para propor "miudamente" sua recomposição: a "máquina do mundo", em Camões, é Deus. (MERCHIOR, 1975, p. 185-190)

E Haroldo de Campos, poeta, tradutor e teórico? Como se situa como sujeito tradutor o poeta de "A máquina do mundo repensada" (2004)?

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

2. *A questão da representação na criação poética e na tradução*

En primer lugar hace estallar la unidad del signo que articula el significante con el significado, introduciendo el tercer elemento de la letra. Pero también explota las contingencias de esta articulación, -nunca arbitraria como sostenía Saussure, siempre contingente, como sostendrá Lacan- siguiendo la combinatoria de todos los posibles recorridos de la letra. (BASSOLS, 2015, p. 2)

A tradução, assim como a criação poética tem como suporte um sujeito que lida e luta e busca decifrar o seu real "mais" ou "menos" próximo, assim como o poeta. É dessa questão que trata a tradução neste trabalho: do impossível e das possibilidades de tradução do real, dessa busca que começa com a criação primeira pela palavra e desenvolve-se em sua tradução segunda, pois trata-se aqui de tradução de algo que bordejou ou toca o impossível do real. Trata-se aqui do uso da palavra, que se propõe, através de Ferdinand de Saussure (*apud* BASSOLS, 2015) como representação, através do signo linguístico, mas que é subvertido pelo sujeito freudiano da psicanálise, pela sua equivocidade; pela sua possibilidade ou impossibilidade de tradução de um real: pois o significante pode ser cifra inconsciente que tem como suporte a materialidade da "coisa", na letra.

Não se trata aqui da tradução literal ou técnica, da palavra da comunicação em geral, mas da tradução pelo poético, questão que implica no pensamento da representação ou não do real pela palavra, desde o *Crátilo*. (PLATÃO, 2001)

A tradução para Walter Benjamin (2001), o aproxima da concepção platônica do personagem *Crátilo*, que aposta na origem natural das línguas através da imitação sonora, musical ao pleitear, na origem, a não arbitrariedade do signo; de uma vertente metafísica da criação poética ou da tradução do real expressando sua formação judaica em relação ao simbolismo da representação no impossível do sagrado.

Em "A reprodutibilidade da arte na era da técnica", Walter Benjamin (1985, p. 165) atualiza contemporaneamente seu pensamento, em termos de questionamento da metafísica e do absoluto da representação clássica, na perda da aura (mas com um forte teor melancólico de perda/luto irreparável).

A perda da "aura" leva a tradução para o terreno da identificação com um real divino ou não divino, o que depende do lugar que o real

ocupa no sujeito. Em outros termos, onde ele coloca a tradução do real: na inspiração divina? Como psicológica? Mistério insondável? Há mais mistérios, já dizia Sigmund Freud, citando William Shakespeare.

Roman Jakobson (1896-1982), em princípio, em sua contribuição à prática da tradução, expressa uma vertente da física do poético/tradução do real em *Linguística e comunicação* (1974), apresentando oposição ao pensamento platônico do *Crátilo*³⁹, aproximando-se de Ferdinand de Saussure na articulação de uma representação ocorrida da unidade Significante e significado e na arbitrariedade do signo linguístico. No entanto, ao apostar na Forma e no aspecto cognitivo das estruturas morfossintáticas e lexicais (JAKOBSON, 1974, p. 54) como possibilitadores de resgate e afinidade com o significado, a aproximação entre a teoria platônica e a linguística, identificadas nas teorias ou pensamentos de Walter Benjamin e Haroldo de Campos, se encontram de alguma forma, embora a língua possa não ser tão "pura", ou tão "essencial".⁴⁰

A "máquina" da tradução aparece em sua estrutura que conjuga o saber com o mistério impossível só entrevisto pela função poética da linguagem, diferenciando-a da tradução automática do Google, por exemplo, após ter dado sua contribuição para esse campo de saber informatizado. (JAKOBSON, 1974, p. 56)

3. O percurso da reflexão sobre a tradução e seu encontro com a psicanálise: Haroldo de Campos

Nestes caminhos da tradução, quatro pensadores se destacaram: Walter Benjamin, Roman Jakobson, Haroldo de Campos e acrescentamos Jacques Derrida. Todos eles em seus percursos transitam pelos campos da literatura e da psicanálise, freudiana ou lacaniana, não por acaso: Benjamin é atravessado pela psicanálise freudiana em todo seu trajeto, Roman Jakobson chegou a fazer parte do grupo de pensadores em torno de Jacques Lacan, sendo de grande relevo no segundo momento lacaniano, o estruturalista.

³⁹ Identificado ao seu oponente, o personagem Hermógenes.

⁴⁰ Roman Jakobson afirma que a "função poética da linguagem" se sobrepõe à função referencial com a sobreposição do eixo de seleção, ou metafórico, sobre o eixo de contiguidade ou eixo associativo. Ao fazê-lo, promove o isomorfismo forma conteúdo. Só é possível a "transposição criativa" através da "Função poética" da linguagem"; Roman Jakobson faz uso dos termos "recriação" e "transcrição". (JAKOBSON, 1974, p. 90)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Haroldo de Campos reúne esses pensadores na sua prática e na sua busca de uma resposta para a questão da tradução, acrescentando outro freudiano de grande projeção na contemporaneidade e na reflexão sobre a tradução: Jacques Derrida, filósofo de referência freudiana, com relevo na reflexão e prática da tradução na contemporaneidade, muito citado por Haroldo de Campos em sua última fase.

Haroldo de Campos aproxima-se inicialmente do primeiro Walter Benjamin e de sua teoria sobre a tradução. O poeta, teórico e tradutor incursiona por caminhos que se complementam, na medida em que se situa: primeiro dentro de uma concepção articulada à inspiração, pelo caminho de Walter Benjamin; para depois identificar-se com as pontuações sobre as "formas" do poético (identificado à estrutura significante) e da tradução com Roman Jakobson. As duas posições teórico-críticas parecem, a princípio, se opor, se considerar-se a via platônica de nominalismo condicionado em Walter Benjamin ou pela via do signo arbitrário em Roman Jakobson. Mas, considere-se que o pensamento linguístico de Roman Jakobson, que se desenvolve por afinidade com a teoria do signo de Ferdinand de Saussure, apresentando uma visão cognitiva, se encontra com o nível semântico e fonológico do significado e, até certo ponto, com o pensamento mítico de Walter Benjamin do resgate do significado através das formas.⁴¹

Haroldo de Campos, em seu percurso, descrito em seus poemas, estudos e conferências, primeiro encaminha-se ao terreno do significante propriamente, seguindo-se uma incursão de identificação à "letra " pela via de Jacques Derrida.⁴²

Começamos com Sigmund Freud, fonte de um pensamento psicanalítico sobre a tradução de um real, fonte do poético, o que nos leva à tradução desse texto primeiro.

⁴¹ Embora com ênfase nas estruturas linguísticas, Haroldo de Campos mantém o isomorfismo que afirma superposição do eixo metafórico sobre o associativo, na afirmação da "função poética" da linguagem (entenda-se que a "forma", primeira, está suposta).

⁴² A alternância Sim/presença e não/ausência surge ao final do longo poema "A máquina repensada" em Campos (2004).

3.1. Sigmund Freud: fonte de um pensamento psicanalítico sobre a tradução

Na carta 52, Sigmund Freud (1977) compõe seu mais denso e polêmico texto sobre a construção do aparelho psíquico que possibilitará interpretações diversas e múltiplas de outros pensadores tais como Jacques Lacan e Jacques Derrida – para nomear dois desses encaminhamentos – que, evidentemente, apenas será sinalizado neste espaço acadêmico restrito de trabalho. Cito:

(...) Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico formou-se por um processo de estratificação o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias - a uma retranscrição. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. Postulei a existência de um tipo de rearranjo, (Aphasia) há algum tempo, para as vias que vão da periferia (do corpo para o córtex). Não sei dizer quantos desses registros há: três, pelo menos. (p. 317)

Sigmund Freud desenha em palavras e esquemas essa fonte de questões que busca sintetizar, neste estudo, em uma questão inicial: é possível ou impossível traduzir /decifrar o real do sujeito? Aquilo que lhe é mais íntimo, mais problemático, ir até a cena traumática do texto primeiro e seu horror?

Entre a cena traumática inicial, que pode ser sem palavras, e a Letra significante que impulsiona o sujeito em sua busca de decifração da verdade, há várias possibilidades de reinscrições com reinterpretações ou recriações desse acontecimento, cifrando de múltiplas formas esse acontecimento, sua expressão, através dos sentidos que a fixaram na memória do sujeito; seguindo Sigmund Freud; pergunta-se, então: haveria possibilidade de reconstruir-se esse real com palavras, com sons com desenhos, ou com outras formas, esse real da primeira cena/primeiro texto depois da afirmação dessas fases de tradução ou de transcrição?

O primeiro obstáculo que é assinalável pela filosofia e pela linguística é do simbolismo do signo que é arbitrário em princípio.

Recorde-se aqui o tema proposto da tradução na analogia com a criação poética.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

3.2. Jacques Lacan indica caminhos para a tradução do real: *lituraterra*

... una zona en blanco de fronteras imprecisas, región inexplorada, sin nombre ni representación posible. (BASSOLS, 2015, p. 2)

Toca así algo de lo imposible de representar, algo de lo más real del lenguaje. (BASSOLS, 2015, p. 2)

Em *Lituraterra*, Jacques Lacan (2003), em um estudo complexo e cifrado de forma enigmática, distingue diferentes formas de expressão do sujeito de um real, localizando espacialmente e temporalmente o sujeito, através da "Letra".

A letra é um termo relativo ao acontecimento primordial na história do sujeito, que expressa o suporte material da cifra do significante no inconsciente; mas que também pode se expressar através de diferentes formas através de *la langue*⁴³, ao se apropriar dos vestígios e restos do material que a tradição humana deposita na cultura, nutrindo-se do seu húmus, em um deslizamento infinito nessa superfície espacial plana. Pode apresentar-se como cifra ou sem transcrição particular de ciframento significante do aparelho mental, mas com possibilidades infinitas de "rasuras" no "palimpsesto" da página aparentemente em branco das lembranças: podendo, assim, com o ravinamento, compor paisagens novas evocativas da "letra/letter/carta" real "roubada" (Edgar Allan Poe)

Miquel Bassols (2015), em estudo sobre *Lituraterra*, aponta para duas vertentes diferentes no texto lacaniano que ajudam a encaminhar a questão do sujeito-tradutor em duas direções principais: através do centramento que o sujeito faz no saber, buscando o gozo do saber; ou do centramento que o sujeito faz no gozo, buscando um saber sobre o gozo (Real traumático).

A questão diz respeito então à busca da escrita desse gozo; ou ao gozo da escrita.

Segundo Miquel Bassols, Jacques Lacan atribui a escrita da cifra significante inconsciente através da letra à fala, que se expressa na homonímia e no equívoco sonoro (como no equívoco sonoro "Gesta-

⁴³ "...definición de *la lengua* que encontramos en el Seminario "Aún", como un depósito de restos que la letra se aviene muy bien a materializar, a soportar, a apoyar, según el término que utiliza Lacan en este texto". (BASSOLS, 2015, p. 2)

po"/"Geste a peau"⁴⁴) por um lado; e por outro lado, se não houve cifra-gem no inconsciente, (não houve ainda, pois pode ocorrer várias vezes durante a história do sujeito), a letra pode ser expressa no jogo lúdico Significante, através da criação da arte. Nessa modalidade, pode se revelar através de um Anagrama (como em "retal"/letra⁴⁵), quando o ravina-mento da superfície faz, por exemplo, surgir a letra/"carta roubada" do poeta Edgar Allan Poe, através, do significante "corvo"/"raven" no refrão em Anagrama "never more".

3.3. O impossível e suas possibilidades: caminhos de Jacques La- can e Jacques Derrida

Então, quais as reais possibilidades de tradução, aquela que consi-dere o Real como causa?

Levando em consideração a premissa freudiana, há possibilidade de transcrições múltiplas do conteúdo latente da cena primitiva que é transmitida de forma cifrada para o conteúdo manifesto, no sonho por exemplo, através do equívoco; mas também pode ocorrer desse conteúdo apresentar outras formas de transmissão não previstas e não asseguradas através de formas inventivas que "tomam carona" no coletivo de *la lan-gue*.

Com a leitura lacaniana, pode-se pensar que tanto a tradução pode estar identificada com a causa do real do gozo e se aproximar dessa cifra de letra Real, na busca de saber sobre esse gozo, como Drummond/Mal-larmé expressam; como pode-se pensar, pela via lacaniana, a impossibi-lidade de expressar essa cifra e a busca de gozo do jogo lúdico como forma de expressão desse saber (Joyce?); ou ainda através de Edgar Al-lan Poe, traduzido por Fernando Pessoa e Machado de Assis, por exem-ple, em uma identificação com o poeta de "A carta roubada"... (POE, 2000)

O segundo encaminhamento lacaniano da literatura/tradução co-mo gozo infinito de saber e impossibilidade de extração do real, situa a possibilidade de lidar com a comunicabilidade parcial da transmissão, através da criação/recriação/transcrição, que se encontra com o pensa-

⁴⁴Documentário publicado em DVD: "Um encontro com Lacan": relato de uma analista da AMP. Versátil home vídeo, 2015.

⁴⁵ Título do estudo de Bassols (2015).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

mento de Jacques Derrida sobre a interpretação/tradução do aparelho mental freudiano; assim como se identifica com a expressão do declínio da metafísica na pós-modernidade (ou com as descobertas da física).

Haroldo de Campos se identifica com a orientação de Jacques Derrida, nessa linha de interpretação de Sigmund Freud e de seu aparelho psíquico, atualizando-se com as afirmações da física quântica contemporânea sobre a impossibilidade de afirmação de um ponto último de certeza na tradução do real, de correspondência unívoca.

No final do percurso de Campos, identificando-se à impossibilidade de correspondência na tradução do real (suposta já por Roman Jakobson), o poeta-tradutor volta-se para a "transcrição": "recriação" (CAMPOS, 2015, p. 92) desse real impossível de ser traduzido através da representação da letra e sua expressão pelo significante.

Estamos aí na reflexão e na prática identificadas com a expressão do pensamento da pós-modernidade, largamente difundido por Jacques Derrida (REGO, 2006). Lembrando que Haroldo de Campos foi tradutor do poema "Um lance de dados" de Stéphane/Étienne Mallarmé (1991) que contém, finalmente, um caligrama da Ursa Maior e o título que remete a esse encontro com uma resposta à sua busca da palavra absoluta: "Um lance de dados, jamais abolirá a sorte". O lance/jogo de palavras do poeta?⁴⁶

A "transcrição", conceito já encontrado em Roman Jakobson, é a forma de lidar com a suposta "impossibilidade" de tradução do Real, considerando a tradução/interpretação infinita que Jacques Derrida atribui ao texto freudiano.

4. *Concluindo?*

A "máquina do mundo" camoniana é Deus. Há lugar ainda para o pensamento de um Real identificado com o divino e com o Mistério divinos da inspiração na criação/tradução (primeiro Walter Benjamin)?

⁴⁶ A busca de saber sobre o real na metáfora de *A máquina do mundo repensada* (2004) que dialoga com Dante, Camões e Drummond retoma o tema do infinito de *Galáxias* (2011), que inicia nos anos 60, mas que introduz na busca do poeta e tradutor o paradoxo do desejo de real na falta de "nexo": o nexo, nexo, nexo, nexo, nex...". Em lugar do infinito mallarmeano (CAMPOS, 1991): "o azul, azul, azul". Por outro lado, encontrar o "nexo" seria afirmar a "Máquina do mundo": a possibilidade da relação sexual existir.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Há lugar para o pensamento que expresse o inconsciente, o "lirismo inconsciente" e sua "luta" na transmissão em palavras do real, como em Drummond e Mário de Andrade?

Ou há lugar somente para a expressão da impossibilidade de real e suas infinitas formas de máscaras/*semblants* com Fernando Pessoa (Jacques Derrida)?

Ou para a afirmação da potência no eterno jogo de recriação das formas estéticas e lúdicas (Roman Jakobson)?

Ou ainda para o reconhecimento da diferença sexual: "não há relação" entre significante e significado, mas há possibilidade do encontro no impossível do "acaso", do jogo poético (nas transcrições de Haroldo de Campos, 2015)?

A questão retorna com o sujeito tradutor: é no um a um que se pode identificar de que tradutor se trata... Sigmund Freud nos ensina e depois Jacques Lacan. Caminhos possíveis para pensarmos que a tradução não tem só um caminho. O grau de aproximação entre o sujeito tradutor e o real expresso e identificado pelo tradutor no texto primeiro, através dos caminhos e descaminhos de sua busca (centradas no saber ou no gozo), determinará o reconhecimento dessa tradução segunda e sua eficácia e alargamento na transmissão dos valores humanos universais.

Concluimos que há múltiplas possibilidades de abordar o real "impossível" e sua tradução.

Com certeza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1983.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição crítica da Diléa Zantotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

BASSOLS, Miquel. Retales. *Virtualia: Revista digital de la EOL*. Disponível em: <<http://virtualia.eol.org.ar/030/template.asp?Retales.html>>. Acesso em 02/07/2016

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Trad.: Suzana Kampff Lages. In: HEIDERMAN, Werner. *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis; NUT/UFSC: 2001.

_____. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Obras escolhidas I*. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRUNEL, Pierre; PICHOS, Claude; ROUSSEAU, André. *Que é literatura comparada?* São Paulo: Perspectiva, 1990.

CAMPOS, Haroldo de. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. *A máquina do mundo repensada*. São Paulo: Ateliê, 2004.

_____. *Galáxias*. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Transcrição*. Org.: Marcelo Tápia, Thelma M. Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CAMPOS, Haroldo de. *Panorama do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CARVALHAL, Tânia. Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Flávia Maria da. Trabalho de tese de Doutorado em andamento no curso de Doutorado em Psicanálise na Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2016.

FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. 1, IV e V.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. (da metade do século XIX a meados do século XX). Trad.: Marise M. Curioni; tradução das poesias por Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1988.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Lituraterra*. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.p.15.

_____. *Radiofonia*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.p. 402

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LEMAIRE, Anika. *Jacques Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MALLARMÉ, Stéphane. *Mallarmé*. Trad.: Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1994.

MERCHIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975

PLATÃO. *Crátilo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

POE, Edgar Allan. *Filosofia da composição*. In: *O corvo e suas traduções*. Org.: Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

PONNAU, Gwenhael. *La dissertation de littérature générale et comparée*. Paris: Hachette Livre, 1996.

REGO, Claudia de Moraes. *Traço, letra, escrita: Freud, Derrida, Lacan*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.